

Trabalho Final - Síntese do livro:

“A escola em Portugal: novos olhares, outros cenários”

de Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira

Inês Henriques 16664

Licenciatura em Ensino de Ciências da Natureza

- 18 de Junho de 2007 -

"A escola constitui um espaço particularmente rico para a observação social. Pelo seu carácter obrigatório e universal, ela acolhe hoje duradouramente todas as crianças e jovens de uma dada classe etária, independentemente do sexo, condição social, origem étnica ou religiosa. Nela se cruzam portanto muitas das questões que emergem nas sociedades de modernidade tardia – das desigualdades sociais às clivagens de género, da democracia às questões da cidadania, da integração à exclusão social, da constituição de afinidade electivas e de grupos à construção social de identidades. (...) A escola é, por todas estas razões, um sedutor e relevante objecto da investigação em ciências sociais – ora em si mesma (...), ora como pretexto para captar e explicar processos globais de conservação ou mudança social" (Almeida e Vieira, 2006, pp.157-158).

"A escola em Portugal: novos olhares, outros cenários" é um livro que resulta de "uma colagem de olhares cruzados" (Almeida e Vieira, 2006, p.19) "sobre a modernidade escolar em Portugal" (Almeida e Vieira, 2006, p.135) que pretende "transmitir ao leitor informação pertinente e criteriosa para pensar a escola actual; contribuir para levantar pistas estimulantes para outras leituras e descobertas; promover o estímulo para o ensaio de renovadas abordagens plurais, cruzadas e cientificamente fecundadas sobre a escola" (Almeida e Vieira, 2006, pp.23-24).

A obra inicia-se com a apresentação de alguns indicadores estatísticos de escolarização e alfabetização, que nos elucidam sobre a evolução da esfera educativa nas últimas décadas, que é acentuada pela expansão do processo de escolarização junto da população mais jovem. Contudo, é fundamental perceber que "o processo de alfabetização das populações não corresponde necessariamente à sua escolarização" (Almeida e Vieira, 2006, p.28), isto é, determinadas competências básicas como a leitura, a escrita e o cálculo podem ser adquiridas fora do ambiente escolar.

Neste contexto surge o conceito de literacia que é a capacidade de mobilizar e aplicar as "competências adquiridas e certificadas por processos de alfabetização ou escolarização nas diferentes situações do dia-a-dia em que elas podem ser accionadas" (Gomes, 2003), ou seja, é a capacidade de processamento, na vida diária (pessoal, profissional, social), de informação escrita de uso corrente contida em materiais impressos vários (textos, documentos, gráficos).

A finalidade da educação de hoje centra-se na capacidade em mobilizar os conhecimentos adquiridos (literacia) e em saber aplicar os conhecimentos adquiridos (competências).

Neste âmbito surge em 1997 o PISA (Project for International Student Assessment) que foi lançado pela OCDE (Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Económico) no sentido de monitorizar, de forma regular e numa perspectiva comparativa a nível internacional, os resultados

dos sistemas educativos em termos de desempenho dos alunos. O PISA procura medir a capacidade dos jovens de 15 anos (na idade normal para o final da escolaridade obrigatória) na literacia em Leitura, Matemática e Ciências. O objectivo deste estudo é o de medir as competências que possuem nos desafios quotidianos e não o de medir o domínio das matérias curriculares específicas. [1]

"Portugal destaca-se pela negativa, ostentando os mais baixos níveis de escolaridade da Europa dos 15. Certamente congruente com a lentidão com que o processo de escolarização ocorre no nosso país, este posicionamento singular e desconfortável que a comparação europeia nos devolve torna particularmente absurda a crítica recorrente ao excesso de diplomados entre nós" (Almeida e Vieira, 2006, p.44). "A problematização e a confirmação científica dos baixíssimos níveis de literacia da população portuguesa torna-se um adquirido com grande impacto mediático e relança na agenda pública o debate sobre educação e a sua prioridade na políticas governativas" (Almeida e Vieira, 2006, p.160).

De facto, Portugal apresenta uma situação paradoxal no âmbito educativo uma vez que é "dos primeiros países ocidentais a instituir a obrigatoriedade escolar – logo em 1835 (...). Contudo, (...) é um dos últimos a cumpri-la." (Almeida e Vieira, 2006, p.33). No início "do século XX confrontamo-nos com uma situação escolar extremamente débil no que toca à população infantil, mesmo aquela que se encontra estritamente abrangida pela obrigatoriedade escolar" (Almeida e Vieira, 2006, p.31). "Só em meados do século XX é que mais de metade da população adulta atinge competências de literacia (...); A alfabetização da população continua, no início do século XXI, a não estar cumprida" (Almeida e Vieira, 2006, p.30).

Nesta primeira parte realiza-se ainda uma retrospectiva e contextualização do sistema educativo português, salientando-se uma mudança extremamente lenta das tendências educativas, nomeadamente, devido à democratização e massificação do ensino.

"A importância do contexto particular em que ocorrem as aprendizagens, numa escola hoje amplamente massificada e atravessada por fortes contrastes e particularismos – por exemplo, entre coortes de alunos de idades, etnias e géneros distintos, pertencentes a meios sociais e familiares diferentes e, por isso mesmo, com desiguais capacidades" (Almeida e Vieira, 2006, p.83). "Na pré-modernidade, a construção das identidades processava-se, quase exclusivamente, a partir do contexto familiar de origem e, mais tarde, da ocupação profissional que se desempenhava" (Abrantes, 2003).

"A relação entre identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade é extremamente complexa. Num quadro de massificação escolar e contracção do mercado laboral, os jovens definem-se cada vez mais, pelas esferas do lazer e do consumo, manifestando uma disposição de "adesão distanciada" à escola. (...) ao nível das classes sociais, a escola tem confirmado e legitimado as desigualdades existentes, multiplicando as oportunidades de uns, os constrangimentos de outros" (Abrantes, 2003).

Na segunda parte desta obra o cenário passa a ser os *bastidores da escola*, centrando-se o olhar nas famílias e crianças através de "uma incursão ao universo dos valores construídos em torno da criança e reflecte sobre a sua nova condição de sujeito na relação educativa entre adultos e crianças" (Almeida e Vieira, 2006, pp.89-90). "A escola é um poderoso factor e indutor de mudança: a escola produz o ofício da criança e do jovem" (Almeida e Vieira, 2006, p.107). A escola possibilita a mobilidade e ascendencia de classes, permite a socialização entre pares e classes, cria esperanças, detendo "a chave dos sonhos numa sociedade que os não tem" (Vaneigem, 1996, 17).

"No passado como no presente, a cumplicidade família-escola assume o estatuto de um vínculo umbilical" (Almeida e Vieira, 2006, p.130), "a família produz, em quantidade, o bem criança a que se destina a escola" (Almeida e Vieira, 2006, p.109).

"A família é um poderoso agente de construção, erosão e reconstrução do campo escolar. Por isso uma escola não é igual a outra escola; e por isso também há várias escolas dentro da mesma escola. Em sociedades democráticas, esta diversidade deve ser encarada (...) como uma riqueza, como um trunfo – e não como uma ameaça, um obstáculo ou um empecilho a eliminar" (Almeida e Vieira, 2006, p.131)

Na última parte, as autoras regressam à escola voltando o olhar para as *novas dinâmicas escolares*: para os desafios e dilemas que actualmente se colocam na escola e para a importância da *divulgação científica*.

"As transformações económicas e demográficas operadas nas últimas décadas produzem marcas sensíveis no espaço nacional. (...) o declínio da natalidade e da fecundidade, (...) induzem um acentuado envelhecimento da população portuguesa" (Almeida e Vieira, 2006, p.136). "O aumento da população adulta – e a sua prolongada longevidade – tem vindo a introduzir no debate educativo novos argumentos acerca da relação entre educação e formação, centrada no imperativo da "educação ao longo da vida"" (Almeida e Vieira, 2006, p.137). "A aprendizagem ao

longo da vida (...) envolve múltiplos significados e modalidades associadas – escolarização, formação, aprendizagem informal" (Almeida e Vieira, 2006, p.47).

"O postulado de que o aumento do conhecimento constitui uma das chaves do sucesso das economias modernas reaviva os antigos debates sobre o capital humano e coloca no centro das prioridades a questão da formação" (Almeida e Vieira, 2006, p.144).

Um dos problemas que surge com a massificação escolar é a selecção dos alunos na própria escola e a "diversificação acelerada e de concorrência acrescida, multiplicando as vias, disciplinas, especializações e estabelecimentos de ensino" (Almeida e Vieira, 2006, p.137).

Hoje, a sociedade do conhecimento exige que as organizações de ensino estejam em contínua aprendizagem, sejam capazes de questionar-se e, sobretudo, que consigam gerar novos saberes e novas práticas para responder às necessidades de alunos, professores e comunidade envolvente.

"Nas últimas duas décadas, assiste-se a uma profunda inversão nas tradicionais tendências migratórias no espaço nacional. Apesar de continuar a ser um país de emigração, como historicamente foi ao longo de vários séculos, Portugal é simultaneamente nos últimos anos um destino imigratório" (Almeida e Vieira, 2006, p.147). "Os saldos migratórios têm sido, aliás, em grande parte responsáveis pelo rejuvenescimento da população em regiões onde se verificam saldos naturais negativos" (Almeida e Vieira, 2006, p.148).

Apesar da multiculturalidade verificada na sociedade portuguesa ser menor que noutras sociedades europeias, este fenómeno reflecte-se consequentemente nas escolas. "A concentração no espaço – nomeadamente em redor da capital – de uma população imigrante multiétnica, associada a condições de vida pautadas pela acumulação de desvantagens económicas e culturais, confere-lhe visibilidade social como problema e desencadeia um súbito interesse por parte dos cientistas sociais" (Almeida e Vieira, 2006, pp.151-152).

É fundamental que a escola passe "a ser concebida como um espaço de "encontro de culturas" identicamente valorizadas, avaliado doravante como um espaço bem mais rico do que a tradicional vocação "monocultural" que a escola portuguesa garantia" (Almeida e Vieira, 2006, p.153). "A produção de representações estereotipadas das minorias favorece a classificação irreversível das mesmas. Se classificar significa hierarquizar, então o enclausuramento cultural de uma "educação multicultural" pode contribuir justamente para o oposto daquilo que se propõe realizar. Ao acantonar cada minoria à "sua" cultura, devolve-se à "maioria" uma visão distorcida do "outro", reforçando-se preconceitos que alimentam processos de estigmatização bem

conhecidos da sociologia. No universo escola, e sobretudo nos contextos locais onde se concentra população imigrante, tais consequências podem amplificar a segregação da população escolar entre estabelecimentos de ensino, na instauração da "segmentação de facto dos ambientes" (Almeida e Vieira, 2006, p.154).

Um dos desafios que a escola de hoje enfrenta para além do seu duplo papel de ensinar e educar jovens está intimamente ligada ao ensino da ciência e ao contributo que esta pode dar para a actualização e modernização dos "conteúdos disciplinares" e das "pedagogias de ensino aprendizagem". A ciência apresenta-se com um papel essencial porque "treina (...) competências intelectuais para o conhecimento crítico do mundo que nos rodeia e, pelo desafio implícito de descoberta e criatividade que transporta, tem um extraordinário potencial na captação de gostos e vocações de alunos para o conhecimento – e, por isso também, para o trabalho, a exigência e a ambição escolar" (Almeida e Vieira, 2006, p.181).

Olhando para a escola em Portugal do ponto de vista sociológico, os principais "problemas que se colocam hoje à escola" referem-se essencialmente: à "extensão que a forma escolar" actualmente assume, "abarcando diferentes gerações populacionais, traduzindo-se em distintas modalidades e contextos formativos" que consequentemente colocam novos *dilemas* à escola (Almeida e Vieira, 2006, p.155).

Pelos mais variados motivos, nomeadamente pelas inversões migratórias que tem contribuído para um aumento da diversidade cultural no nosso país, a escola abrange cada vez mais uma diversidade de públicos impar que prolongam cada vez mais tempo o seu percurso académico. No entanto, devido ao facto de as tendências educativas evoluírem muito lentamente no nosso país, a maior parte das escolas ainda não se encontra preparada para receber a riqueza que a multiculturalidade pode dar à escola.

Ainda há um longo caminho a percorrer para (re)construir esta nova escola em Portugal, é um caminho que tem de ser percorrido não só pela escola, mas por toda a comunidade em conjunto, para que seja possível adequar a escola ao contexto envolvente, promovendo "ambientes de integração e envolvimento, geradores de fenómenos de valorização e hibridação identitárias", criando-se assim oportunidade de "atenuar desigualdades e constrangimentos" (Abrantes, 2003) para combater os problemas com que a escola se confronta no seu quotidiano. Esta nova escola tem de ser essencialmente uma escola de qualidade, aberta à comunidade e adaptada a diferentes públicos. Contudo, "tudo se joga hoje numa mudança de mentalidade, de visão, de perspectiva" (Vaneigem, 1996, p.39) e "as mudanças que terão de ocorrer são quase todas elas mudanças culturais, mudanças de ideias, mudanças que ocorrem dentro de nós" (Cabral, 1999).

Referências Bibliográficas:

- Ana Nunes de ALMEIDA e Maria Manuel VIEIRA, A escola em Portugal: novos olhares, outros cenários, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2006.
- Maria do Carmo GOMES, "Literexclusão na vida quotidiana" in Sociologia, Problemas e Práticas, nº 41, pp. 63-92, 2003.
- Pedro ABRANTES, "Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade" in Sociologia, Problemas e Práticas, nº 41, pp. 93-115, 2003.
- Raoul VANEIGEM, Aviso aos alunos do básico e do secundário, Edições Antígona, Lisboa, 1996 (1ª edição 1995).
- Ruben de Freitas CABRAL, O novo voo de Ícaro – Discursos sobre Educação, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 1999.
- [1] PISA - Project for International Student Assessment - http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC17/Ministerios/ME/Comunicacao/Outros_Documentos/20050427_ME_Doc_PISA.htm (Junho 2007).